



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 29 - dezembro de 2022

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2022i29p90-109>

Arquivos do modernismo: nota introdutória

Archives of Modernism: introductory note

*Leandro Pasini**

RESUMO

O texto que se segue é uma introdução à reprodução de quatro documentos do modernismo brasileiro que, salvo engano, são republicados pela primeira vez: “Os novos do Piauí”, de J. J. Gomes Sampaio (pseudônimo de Gilberto Freyre), de 1926; “Os jacarés inofensivos” e “Convalescença”, ambos de Mário de Andrade, de 1923; e “Um concurso futurista”, página anônima da revista *A Pilhéria*, que, em 1925, trazia uma sátira do “Futurismo”. Esses textos buscam contribuir para suprir algumas lacunas na história do modernismo brasileiro. Ressalte-se, então, a importância da ideia de grupo, mesmo que pela invenção de um falso grupo, além de documentar a atividade modernista de Freyre nos anos 1920; balanços e reflexões do ano de 1923, geralmente considerado um período pouco produtivo do movimento; e a difusão nacional das ideias modernistas/de vanguarda. Essas últimas recebiam, por vezes, respostas satíricas que se tornaram, paradoxalmente, parte da estética que buscavam combater.

PALAVRAS-CHAVE: Arquivo; Grupo; Gilberto Freyre; Mário de Andrade; Sátira

ABSTRACT

The text that follows is an introduction to the reproduction of four documents of Brazilian modernism that, presumably, are being republished here for the first time: “Os novos do Piauí”, by J. J. Gomes Sampaio (Gilberto Freyre’s pseudonym), published in 1926; “Os jacarés inofensivos” and “Convalescença”, both by Mário de Andrade, published in 1923; “A futurist contest”, an anonymous page from the magazine *A Pilhéria*, that, in 1925, exhibited a satire on “Futurism”. These texts aim at bridging some gaps in the history of Brazilian modernism. They also highlight the importance of group formation, even if by making up a fake one, besides documenting Freyre’s modernist activities in the 1920s; revisions and reflections of the year 1923, usually taken as an unproductive period of the movement; the national diffusion of the modernist/avant-garde ideas; the latter received sometimes satirical responses, which, paradoxically, became a part of the very aesthetics they tried to oppose.

KEYWORDS: Archive; Group; Gilberto Freyre; Mário de Andrade; Satire

* Universidade Federal de São Paulo-UNIFESP; Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas; Guarulhos – SP – Brasil – leandro.pasini@unifesp.br

A percepção de que a difusão nacional do modernismo ocorria por meio de grupos era tão evidente a ponto de, em 1926, esse processo ser satirizado nas páginas da segunda fase da *Revista do Brasil*. Por essa época, já estavam em atividade os grupos da revista *Belém Nova* (1923-1929), no Pará; os gaúchos de *Madrugada* (1926); os mineiros de *A Revista* (1925); os pernambucanos em torno de Inojosa ou da *Revista do Norte* (1923-1926); os paulistas oriundos da Semana de Arte Moderna e de *Klaxon*, bem como da dissidência verde-amarela; além dos pequenos agrupamentos cariocas, como os de Graça Aranha e o da revista *Estética*, reagrupados na *Revista do Brasil*, na sua segunda fase. Essa era uma revista bifronte, pois seus 10 números, publicados entre setembro de 1926 e janeiro de 1927, tinham na posição de diretores figuras tradicionais como Pandiá Calógeras e Afrânio Peixoto e, na de redator-chefe, o modernista Rodrigo M. F. de Andrade. Veículo de textos fundamentais do modernismo brasileiro, a exemplo do artigo “O lado oposto e os outros lados”, de Sérgio Buarque de Holanda (n. 3), do primeiro prefácio de Oswald de Andrade a *Serafim Ponte Grande* (n. 6) e da primeira publicação do poema “Infância”, de Carlos Drummond de Andrade (n. 7), a segunda fase da *Revista do Brasil* também abrigou o humor modernista veiculado por pseudônimos. É Sérgio Buarque de Holanda quem esclarece a questão:

Nela [*Revista do Brasil*] saiu um artigo sobre os ‘novos do Piauí’, escrito pelo Gilberto [Freyre], mas assinado J. J. Gomes Sampaio. Entre outros ‘novos’ piauienses inventados lembro-me de um que se chamava Esmeraldino Olímpio. Esses e outros serviram depois de pseudônimos em artigos onde nós mesmos nos criticávamos e enaltecíamos, por exemplo, o Oswald Orico. O Gilberto mandou imprimir um cartão de J. J. Gomes Sampaio, com a indicação: literato. (LEONEL, 1984, p. 174).

Sérgio Buarque certamente se refere ao artigo “À margem da arte de Orico”, publicado por Esmeraldino Olímpio no número 4 da *Revista do Brasil* (2ª fase). Contestando uma crítica de Prudente de Moraes, neto, ao livro *A arte de esquecer*, de Orico, o inventado intelectual piauiense elogia o livro nesses termos: “[...] é, em verdade, um vaso finíssimo de faiança que contém essência das mais puras.” (OLÍMPIO, 1926, p. 44). Como veremos adiante, o grupo modernista piauiense é partidário de Graça Aranha (alvo central de Freyre) e, por isso, Olímpio ataca Prudente e Sérgio. Este é chamado de “mau-caráter”, pois, em “O lado oposto e os outros lados” (HOLANDA, 1926), “Nomes como os de Graça Aranha, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Tristão de Ataíde e outros são aí enxovalhados, em honra de

não se sabe de que ideal de sinceridade mal compreendida.” (OLÍMPIO, 1926, p. 45). De passagem, note-se que, ao usar seus piauienses para elogiar de modo envenenado o grupo de Graça Aranha e autores conservadores, bem como atacar, no modo piada interna, Prudente, Sérgio, Alcântara Machado e Rodrigo M. F. de Andrade, Gilberto Freyre acaba por se colocar ao lado de um modernismo inventivo e desabusado, próximo ao grupo paulista de Mário e Oswald que ele, quando escreve em seu próprio nome, costumava atacar. Voltando aos meandros do grupo piauiense, Alcântara Machado envia carta a Prudente com a seguinte curiosidade: “Diga urgentemente quem é Esmeraldino Olympio. Quero saber. Senão não colaboro mais na revista. Tipo assim precisa ser popularizado. [...] Besta tamanha deve ser objeto de veneração nacional.” (LARA, 1997, p. 58). Se, por um lado, Alcântara não suspeitou da paródia de Freyre, por outro, sua percepção de Olímpio demonstra o quanto o pernambucano acertou no tom de seu personagem, que exibiria um modernismo conservador combativo, eloquente e despido de senso de proporções.

Sem privar o/a leitor/a do contato direto com “Os novos do Piauí”¹, gostaria de citar apenas uma informação fornecida por Sampaio: “Em 1923, Eulálio Pontes da Serra, Vieira Pascoais, Esmeraldino Olímpio e eu lançamos aos ventos da publicidade *O Todo Universal*, revista de combate em prol da Ideia Nova” (SAMPAIO, 1926, p. 39). A revista, cujo título homenageia Graça Aranha, pois o “*Todo Universal*” é um ponto de chegada do “objetivismo dinâmico” defendido por Graça em *A estética da vida* (1921), teria sido lançada em um ano a que não se costuma dar muita atenção na história do modernismo brasileiro. São de 1923 os dois textos reproduzidos de Mário de Andrade: “Os jacarés inofensivos”, publicado em abril de 1923, no número 88 da *Revista do Brasil*, e “Convalescência”, no número 92, em agosto do mesmo ano². Ambos trazem a um tempo um balanço de Semana de Arte Moderna, ocorrida no ano anterior, e um prognóstico cheio de vivacidade quanto à sequência do movimento. Contudo, essa condição intervalar de 1923 se deve, entre outras possíveis razões, à falta de uma

¹ Agradeço à Fundação Gilberto Freyre pela permissão para reproduzir o artigo “Os novos do Piauí”; a obra de Mário de Andrade se encontra em domínio público. O arquivo “Os jacarés inofensivos” está digitalizado em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a2e91388-41e8-483d-95c9-a2de749f3424/content>. Acesso em: 17 fev. 2022 e “Convalescência” em <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/498b8365-78fc-419f-ab7f-145281b58e93/content>. Acesso em: 17 fev. 2022; “Um concurso futurista” é uma página anônima, e a edição da revista *A Pilhéria* em que ela consta está disponível em: https://antigo.fundaj.gov.br/geral/didoc/pilheria/a_pilheria_1925_n216.pdf. Acesso em 17 fev. 2022.

² Todos os textos reproduzidos tiveram ortografia atualizada, com exceção de particularidades conscientes da escrita, como “si”, “milhor”, no caso de Mário de Andrade.

infraestrutura editorial do grupo modernista com maior base financeira do país. *Klaxon* tinha acabado no começo desse ano por falta de recursos. Livros finalizados, que Mário chega a citar, como *O túnel*, de Carlos Alberto de Araújo/Tácito de Almeida, e *Cocktails*, de Luís Aranha, só virão a público décadas depois, em 1984 e 1987, respectivamente. Outros surgirão em 1924, como as poéticas *Natalika*, de Guilherme de Almeida, e *O domingo dos séculos*, de Rubens Borba de Moraes. O próprio Mário vai amargar a perda de sincronia entre produção e publicação, trazendo a público obras de 1922 somente em 1925, a exemplo de *A escrava que não é Isaura*, e em 1926, caso de *Losango cáqui*.

Na perspectiva interna do grupo paulista que organizou a Semana de Arte Moderna, 1923 vai se tornar um período que, como os textos reproduzidos bem documentam, pulsa entre epílogo e recomeço, balanço e reagrupamento de energias. Não é essa, porém, a única perspectiva modernista atuando nesse período. Sem força para marcar a história literária, apareceu, nesse ano, a revista paulista *Novíssima*, na qual se reúnem Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Plínio Salgado. Em Recife, Joaquim Inojosa lança *Mauriceia*, que, em seu primeiro número, de novembro de 1923, traz “O Recife da madrugada é um poema futurista”, de Austro-Costa, primeira adesão que Inojosa consegue em seu estado natal. Em Fortaleza, o ex-padeiro-mor Antônio Sales agita a imprensa local com sátiras antifuturistas assinadas por um pseudônimo, Arthunio Vales, as “Estâncias futuristas” (MARQUES, 2018, p. 158). Assim, se 1924, com o “Manifesto pau-brasil”, de Oswald de Andrade, e realizações como o poema “Noturno de Belo Horizonte”, de Mário de Andrade, consolida a diretriz nacionalista que hoje é parte indissociável do modernismo brasileiro, nem por isso o seu ano anterior foi somente de silêncio e/ou preparação; antes, se insere com dinâmica própria nesse emaranhado de muitos caminhos – curtos ou longos – que foi o movimento modernista no Brasil.

Outro campo ainda relativamente pouco explorado na historiografia literária do modernismo é a produtividade das sátiras, tanto como criação de um ambiente propício ao movimento, quanto, de modo paradoxal, como realizações peculiares da estética modernista. Além disso, as sátiras cumprem o papel de auxiliar na difusão nacional do modernismo na mesma medida em que tentam combatê-lo. As “Estâncias Futuristas”, de Arthunio Vales, por exemplo, antecipam em alguns anos o modernismo em Fortaleza, cuja aparição programática se dá com o livro *O canto novo da raça*, obra coletiva de Jáder de Carvalho, Sidney Neto, Mozart Firmeza e Franklin Nascimento.

Também em Maceió, a revista de humor *O Bacurau* registra paródias da poesia modernista que são anteriores à conversão de Jorge de Lima ao movimento. Em 28 de abril de 1923, há uma interessante paródia de “Domingo”, de Mário de Andrade, assinada por Albert Verlaine. Veja o/a leitor/a se o nosso Verlaine não aperfeiçoa a crítica social um tanto moralista de Mário ao torná-la mais apropriadamente um poema cubista no trecho “Dos risinhos, adeuses, olhadelas,/Lá vai aquela fina com um osso./Aqueloutra vestida de *grenat*;/Um sapato de seda;/U’a meia indiscreta;/Um braço escultural./Uma linha, uma curva, uma reta” (SANT’ANNA, 1980, p. 109).

Em outros casos, a vontade de fazer pilhéria com a estética modernista gera a conversão do adversário em partidário do movimento. A crer nos depoimentos presentes em *Homagem a Manuel Bandeira* (1936), foi o que ocorreu com Jorge de Lima e Prudente de Moraes, neto (HOMENAGEM, 1936, p. 177). O poeta alagoano teria iniciado uma pilhéria com “Evocação do Recife”, de Bandeira, e, quando terminou de escrever, tinha se tornado modernista e autor de “O mundo do menino impossível” (HOMENAGEM, 1936, p. 103). Uma situação específica de desentendimento histórico ocorreu com o modernista baiano Carlos Chiacchio. Idealizador de um “Tradicionalismo dinâmico”, momento de equilíbrio entre modernidade e tradição ancorada na cultura secular da classe dominante baiana, Chiacchio era inimigo feroz do primitivismo, que buscou ironizar em “Jazz-Grotesco” e “Evoé”, publicados em *Arco & Flexa* números 1 e 2, respectivamente, ambos de 1928. Com a consagração do primitivismo paulista de Oswald e esquecimento do tradicionalismo baiano de Chiacchio, ambos os poemas passarão a ser entendidos como tentativas primitivistas sérias de Chiacchio [...]. (ALVES, 1978, p. 52).

O exemplo anônimo reproduzido a seguir, “Um concurso futurista”, publicado em Recife, na revista *A Pilhéria*, número 216, em 1925, também é parte da história dessas sátiras. Interessante notar a pouca importância dada às distinções internas às vanguardas internacionais, já que se trata de um concurso para acertar qual é o poeta futurista que compôs um poema chamado “Dadaísmo”. Para a pessoa ou as pessoas por trás da brincadeira, certamente a noção de uma extravagância sem sentido estaria subjacente a tudo quanto fosse de vanguarda, seja dadaísmo, cubismo, futurismo, expressionismo, desvairismo... E como a palavra da moda era “futurismo”, é ela que encabeça a página. Como a diagramação da página da revista será mantida, para dar visibilidade à proposta do concurso, reproduz-se aqui o poema com a grafia atualizada:

DADAÍSMO

Recusai
Cavalinhos de pau.
Recusai!
A vida é como o mar.

Três coisas.
Três pontos de apoio.
Uma voz
Quatro palavras,
Barquinhos de papel...

E nada mais...

E senão – não!

Recusai
O tabuleiro da existência.
O mundo é um teatro...
A alegria é fugaz...
Aceitai somente
Três coisas:
Um braço.
Uma voz.
O dedo indicador.

Uma – duas – três!
Meta na cabeça
O dedo indicador...
Aqui no mais profundo.

Desejar é viver!
Mesmo? Não senhor!

Isto – ou vá a outra parte.
Igual? Nunca!

A natureza é cega.
A alegria é fugaz.
O homem é um brinquedo
E nada mais...

Recusai
Cavalinhos de pau.
Recusai!
A vida é como o mar.

Até onde sei, essa paródia de concurso não teve sequência e não deve ter havido participantes ou concorrentes. De qualquer modo, fica aqui registrada como um pequeno testemunho do esforço de inumeráveis anônimos, recuperáveis pela historiografia ou não, em tornar o modernismo brasileiro uma pauta pública e nacional,

seja pela via da participação construtiva, da participação irreverente seja por um antagonismo que se mostrou, no fim das contas, uma parte importante do movimento como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. **Arco & Flexa, contribuição para o estudo do modernismo**. Salvador: Fundação de Cultura do Estado da Bahia, 1978.

ANDRADE, M. Crônica de arte. Convalescença. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 92, p. 336-339, ago. 1923. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/498b8365-78fc-419f-ab7f-145281b58e93/content>. Acesso em: 17 fev. 2022

ANDRADE, M. Crônica de arte. Os jacarés inofensivos. **Revista do Brasil**, São Paulo, n. 88, p. 324-327, abr. 1923. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a2e91388-41e8-483d-95c9-a2de749f3424/content>. Acesso em: 17 fev. 2022

HOLANDA, S. B. O lado oposto e os outros lados. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 9-10, 15 out. 1926.

HOMENAGEM a Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: Oficinas typographicas do Jornal do Commercio, 1936.

LEONEL, M. C. **Estética e modernismo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

MARQUES, R. A. **A nação vai à província: do romantismo ao modernismo no Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018.

OLÍMPIO, Esmeraldino [pseudônimo de Gilberto Freyre]. À margem da arte de Orico. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 44-45, 30 out. 1926.

SANT'ANNA, M. M. **História do modernismo em Alagoas (1922- 1932)**. Maceió: EDUFAL, 1980.

SAMPAIO, J. J. Gomes [pseudônimo de Gilberto Freyre]. Os novos do Piauí. **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 39-40, 30 set. 1926.

UM CONCURSO FUTURISTA. **A Pilhéria**, Recife, n. 216, p. 20, 1925. Disponível em: https://antigo.fundaj.gov.br/geral/didoc/pilheria/a_pilheria_1925_n216.pdf. Acesso em: 17 fev. 2022

Data de submissão: 04/07/2022

Data de aprovação: 02/09/2022

Arquivo 1 - CRÔNICA DE ARTE

OS JACARÉS INOFENSIVOS

“Si podes agir, age conforme teu poder”

*Kuang-Dzu. “Tratado Das Influências
Errantes”.*

No momento em que escrevo (4 de Abril) vai acesa a luta entre a arte moderna e a tradicional, em S. Paulo. Curiosa esta briga pela modernidade! Passam as guerras de cem anos. Mesmo os ódios entre raças terminam. Mas a guerra do novo contra o velho, ou, principalmente do velho contra o novo perdura sempre. Creio que começou entre os filhos de Adão e o pai pecaminoso. Vejo, mais perto de nós, Confúcio, estacionário, passadista e brigão. E os egípcios [*sic*], no seu desesperado esforço por eternizar o passageiro. Mais nítida, ilumina-me a visão, a figura de Timóteo, conseguindo vencer nos concursos de ditirambo e afirmando altivamente: “Não canto o já cantado; o novo é preferível! Hoje reina o jovem Zeus. Antigamente Kronos era o Senhor. Longe a velha Musa!” Depois Platão, querendo eternizar as melodias rituais, no seu Estado perfeito. Lembro depois os Padres da Igreja, Santo Êfrem irritados contra os hinógrafos inovadores. Lembro... Lembro a história dos séculos e a luta que não cessa e o homem que não aprende; até que em dias do ano de 1923 lembro esta douta falange de confúcios paulistanos em objurgatórias tremebundas contra os que mais uma vez abandonaram Kronos pelo jovem Zeus.

Cronista de arte que sou, não deixarei de comentar este novo período da luta. Não defendo nem ataco ninguém? Sorrio apenas, dentro de meu espírito imparcial de cronista.

Nessa tarde, encontrando o mais perfeito de quantos metrificadores possui a língua portuguesa, com gesto de enfado, muito próprio de quem vive na companhia perfumosa de Scherazada e Salomé eu escuto sonhadoramente os sátiros, em ritmadas sikinnis, entoar canções gregas, disse-me ele, erguendo para os ares as unhas mais bem tratadas do país: — Estava há pouco fazendo massagens em casa de Madame X. quando meus olhos baixaram para um jornal. E vi, sob um anúncio tratando de Pyorrhoea, certo artigo contra os modernistas. Vale a pena!

Procurei o jornal. Era somente um artigo-periscópio. Anunciava apenas, tão temeroso vinha e carregado, a possante nau de guerra, ainda submersa. Arrebentaram em seguida as bombas — interminável série de artigos, escritos por críticos ilustrados. Havia em cada artigo uma ou duas ilustrações. Tenho seguido, com a veneração e paciência que tal falange me merece, a trajetória mortífera do alude. Sinto por ela um entusiasmo, si é possível, displicente e necessário. Permitir-me-ão no entanto os nobres críticos, lhes faça algumas objecções? São estas, pálidas e humildes:

1. “Objeção: Seria este o momento asado para tal campanha? Vejamos. Os modernistas são ainda poucos na realidade. E apenas 3, em S. Paulo, militante[s] na crítica e na discussão: os srs. Menotti del Picchia, Oswaldo de Andrade e Mário de Andrade. Ora o sr. Menotti dei Picchia, de alguns meses para cá deixou aquela feição exclusivista que lhe permitiria... ripostar com balaços de igual calibre aos tiros da nova polícia. Faz agora, o indiscutivelmente célebre autor de *Juca Mulato*, obra inteligente de congraçamento; pois pensa, e talvez com razão, que a época dos exageros já passou. O sr. Oswaldo de Andrade acha-se em Paris, onde compartilha do ágape de Brecheret, Romain, Valery Larbaud, Vildrac, Duhamel, Picasso e Cacteau, camaradas ou já amigos. O sr. Mario de Andrade, meu aluno e muito íntimo, asseverou, por sua vez, no derradeiro número de KLAXON, não querer mais se preocupar com farautos.³ Por outro lado, o brilhante mensário modernista há muito tempo que não sai, parecendo mesmo que morreu. Ora, ele é, na verdade, o único meio de defesa e resposta desses moços. Quer-me parecer pois que a tão bem ilustrada falange não veio em minuto propício acender a luta. Ou antes: parecerá que os valorosos sargentos escolheram propositadamente o minuto em que os inimigos estavam enfraquecidos no número e inespertos no dormir. Assim a obra de tão útil policiamento dentário a que se lançaram os valorosos policiais tomou este brilho vidrento de covardia e egoísmo literários que, embora não seja a expressão da realidade, a muitos se lhes antojará. E, num dos apitos da magistral série se confessa o vultuoso número de anspeçadas, reunidos para prender os chamados futuristas. Mon Dieu! Mas nem são estes tantos para que escritores tamanhos e em tal cópia invistam com eles! (Permitir-me-eis usar agora estilo de revista-de-língua-portuguesa, pois de tal espécie, measureira e amaneirada, se me parece a luta, que a ela não imponho minha inútil pessoa, sinão com donaires de donzel e floreios de espadim). E, estais vendo? por dizer de vosso farto número, cá estão a

³ Explicar?

lembrar os eruditos que me lerem aquele outro passo da literatura taoísta, que está no *Livro da Pureza e da Calma Constantes*, do filósofo Ko-Kiuen (4º século). Dirão os psicanalistas que a reminiscência desse trecho da literatura mística chinesa, veio por associação, pois que citei no início desta crônica o admirável Kuang-Dzu... Maldigo os psicanalistas! Crede: unicamente por causa de vosso gordo número é que sobreveio à memória dos letrados o versículo do Shang-Tsing King: “Nada multiplicado por nada é ainda nada. Nada e nada são sempre nada”.

2." Objeção: Coisa de dois anos atrás um dos secretas da policial falange veio por um diário da tarde afirmar que se lançava então "uma pouca de terra fria" na "campa fresca do futurismo paulista". (*A Plateia*, 3 de junho de 1921). Agora o mesmo soldado, com anunciar o novo ataque, ensina aos povos que "é propositadamente, com um ato de revelha e piedosa tradição, que se quer assinalar a descida macabra para o fundo dos sete palmos (que linda imagem!) de um corpo, etc. “Esse morto futurismo[”] ia receber agora a “última pá de cal” (*Folha da Noite*, 20 de março de 1923). Que estranha e arraigada propensão para coveiros a destes senhores da falange! Pois há dois anos esses fúnebres trabalhadores estão a lançar pás e mais pás de cal ardente sobre a cova do futurismo paulista, e este ainda não morreu!!! Quem sabe si esse futurismo não terá condições de vitalidade que a eles, aos necrófilos da guarda-noturna, lhes escapará? ou ainda, quem sabe si alguma feiticeira contraditória lhes anda a mudar a cal esterilizante — secreção difícil de espíritos sapientíssimos — em adubo mais eficiente que o Polisú? O certo é que o futurismo pompeia, viridente, como um bosque outonal cheio de frutos... maduros. Que frutos? Brecheret, cujo “Monumento aos Bandeirantes” entusiasmou Romain, trabalha no “Grupo das Amazonas”; Anita Malfatti pinta um “Cigano” de admirável energia; Di Cavalcanti ilustra presentemente o *Festim* de Guilherme de Almeida; ainda deste as *Canções Gregas* sairão breve; John Gras decora varias moradias paulistanas, e nos lazeres faz as ilustrações para o *Túnel* de Carlos Alberto de Araújo; Aranha tem prontos três poemas que reunirá num livro: “Drogaria de Éter e de Sombra”, "Poema Giratório", e "Poema Pitágoras"; Oswald de Andrade, cujos *Condenados* vão ser traduzidos para o francês, termina o 2º livro da *Trilogia do Exílio*; Menotti del Picchia escreve a *Rainha de Sabá*... E Ribeiro Couto não vai publicar breve um livro de poesias? E não vai escrever novo livro de contos? Morrer assim? num dia assim? Antes não significará tudo isto que o futurismo paulista vive de perfeita saúde e goza a delícia da vida?...

3. Objeção: Eis que na série de artigos contra os futuristas rasga brecha de três metros uma catilinária contra o *Senhor Dom Torres*. Geral espanto. Que vem fazer um livro calmo (escrito nas sãs orientações antigas, em meio à tresloucada messe das obras modernizantes? Espanta-se o leitor e pensa que treslê. Mas como é cioso de seu talento põe a culpa no crítico. — Este é que tresleu! diz o leitor. Dobra o jornal e não o compra mais às terças, quintas e sábados. O autor do *Senhor Dom Torres* (obra já em segunda edição) contraria mesmo, em grandíssima parte a nova orientação; e si emprestou seu apoio à deliciosa e mais que interessante Semana de Arte Moderna, por curiosidade amiga e inteligente, não escravizou por isso sua maneira de ser e de pensar.

4. Objeção: Segundo meu juízo frio de cronista creio inútil a nova campanha da polícia. A celebridade dos modernistas é hoje definitiva e indiscutível. Seus nomes penetraram as aldeias do país e as capitais europeias. São traduzidos na França e na Bélgica. Marinetti e Buzzi enviam-lhes livros, retratos, cartas de Itália. Da Espanha pedem-se informações sobre eles. *Fanfare*, a revista inglesa, eternizou aos olhos dos saxões o nome de Guilherme de Almeida. Malfatti deixou quadros nas coleções dos Estados Unidos e da Alemanha. Brecheret é visto pelos visitantes dum museu Holandês. Por que insistir? É alastrar inda mais essa notoriedade. E disso deriva a quinta objecção: Atacar os modernistas, insulta-los (pois apesar da advertência do primeiro artigo, mesmo neste e em todos os seguintes, se multiplicam os insultos) como atualmente pratica a severa falange, não é repetir o que esses mesmos modernistas fizeram aos mestres do passado? E esses modernistas poderão ao menos alegar que escreveram numa época de efervescência e de luta franca, em que os insultos brotavam de ambas as partes. E si confessarem o desvario terão a justiça e o perdão. Os insultos de agora surgem num período de armistício. França no Rhur!... Muita gente julgará abandonado pelos futuristas, unicamente, para chamar a atenção dos leitores sobre si. Outrora, quando aparecia um ataque contra Vicente de Carvalho ou Amadeu Amaral (o autor do 1º artigo deve recordar-se disso) toda gente lia. Não por causa do atacante, mas por causa do atacado. Hoje, em se tratando dum ataque aos futuristas, toda gente lê; pois em arte, a única coisa de realmente interessante que há no Brasil é esse famanado futurismo. Assim parecerá que a falange walkírica (ninguém negará a necrofilia desses semideuses que vivem a catar nos campos de batalha da arte os corpos mortos) além de roubar o processo dos próprios futuristas, ainda quer roubar uma pouca da celebridade irradiante que deles promana.

E não faço mais objecções a que os apitos da polícia literária continuem inalteráveis por todos os séculos. Si terminarem, no entanto, é possível que — si coisa de discussão mais propriamente crítica apareça — pela régia hospitalidade que a *Revista do Brasil* nos concede, eu, cronista de arte, ceda meu lugar a Mario de Andrade, futurista consciente e cretino, conforme o douto e medicalmente [*sic*] exato diagnóstico do Licurgo do verso. Tão grande Licurgo, quão pequeno Hipócrates! E então o já hoje conhecidíssimo (graças unicamente aos seus adversários constantes e clangorantes) autor de *Pauliceia desvairada* responderá com sua linguagem alegre, de rua, muito humana — que é justamente o mais insuportável martírio de seus austeros e beneditinos antagonistas. E embora procure manter-se bem alto no terreno da discussão, que o simpático poeta não nos prive daquela sua blague esportíssima — ele, que a sabe manejar com tanta agilidade e fulgor.

Um dia perguntei-lhe mesmo quando começara a gostar da blague. Contou-me então a seguinte história. Em criança, passava anualmente minhas férias na fazenda dum tio. Havia lá um tanque, em quadra, minúsculo, fechado por 12 paus de cerca de cada lado. Cada grupo de 12 paus ligava-se, de seis para seis, por uma trança de arame farpado. O último de cada série de 12 paus era ricamente colorido; correspondendo-se assim os quatro cantos, dois a dois, na cor: vermelhos e amarelos. Ora nesse tanque estava presa uma porção de enormes jacarés, que nem se podiam mover. Explicou-me o fazendeiro que os bichos tinham vindo para ali pequeninos. Agitavam-se à vontade. Mas cresceram, e como a cerca não crescia com eles, lá estavam agora imóveis, ridículos, inofensivos. Ora eu passava meus dias com uma varinha de bambu na mão, mexendo nos bichos. Quando, mais irritado, um deles dava um bote, eu suspendia a varinha... E o anfíbio abocanhava o espaço. Tenho às vezes saudades de meus jacarés inofensivos!... Tenho saudades da varinha de condão!...

MARIO DE ANDRADE.

Andrade, Mário de. Crônica de arte. Os jacarés inofensivos. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 8, v. 22, n. 88, p. 324-327, abr. 1923.

Arquivo 2 - CRÔNICA DE ARTE

CONVALESCENÇA

Estou melhor. Obrigado. Um pouco fraco. Ainda não me reconheço bem. Minhas mãos têm como que uma vida particular, unicamente delas. Ainda não voltei a essa integração de mim mesmo, que é a misteriosa faculdade pela qual a saúde nos veste, sem que demos por ela. A saúde é uma aspiração boa, envolvente, promanada de nós quando estamos sãos. E, como no ectoplasma, aparição que só aos outros é dado perceber. Mas estou muito pobre de forças. Convalesço. Não sou bem eu. Meus sentidos jazem muito longe uns dos outros. Não se podem corresponder. A convalescença não é mais do que isso. Parte-se por aí sem vontade, a colher no vasto rosal das sensações, os sentidos, a memória, a razão, a imaginação, a consciência – flores dispersas com as quais comporemos de novo o ramilhete da personalidade. Olhos. Encontro-os de novo! De abertos e fixos que estava, pela febre e pela dor, movem-se agora, úmidos de reconhecimento, a seguir um vulto na penumbra quente do quarto. Oh! meus olhos... Depois, muito réptil, pregão de rua rasteja até junto de mim. Oh! meus ouvidos... Quase um desejo de sair... Dançar o one-step das caminhadas pelas ruas... Viver de novo. E rápidas, aperitivas, as memórias desenrolam em mim o itinerário da vida. Si me levantasse? O pijama lavado, rescendendo a cheiro fresco da madeira das gavetas, me ensalma a pelem envolvendo-me numa calma florestal. Si fosse rico meus móveis seriam de sândalo, como os do Sardanápalo de Luís Delfino. Oh! meus desejos... Os pés tateiam enfim, amorosos, sensualmente, o chão. É bom andar! Sinto que recusaria agora um passeio de automóvel. Após a imobilidade vegetal com que a doença me puniu, vago dentro de mim esse orgulhinho de mover-me por mim mesmo. Ando pela casa. E enquanto os que me cercam se preocupam de verificar os prejuízos que sofri, todo me entrego à observação dos meus ganhos sobre a fraqueza. Caminho. Pelos vidros da janela percebo um vento embaçado, rolando sobre a cidade. O frio, lá fora, como um jacaré inofensivo, está a dar botes nas paredes exteriores da casa. Procura uma fenda por onde entrar. Sorrio. Não entrarás. Fafner de papelão. Mas começo a crer que estou cansado. Todo convalescente anda pouco... Sem dúvida estou muito cansado. Procuro alguém para me queixar da fraqueza. Ninguém. Um despeito faz-me dizer dos meus que são uns ingratos. Deviam rodear-me de mais carinho, assistência. Em vão qualquer

demônio-da-vaia me segreda a desimportância, o passageiro do mal. Não posso estar fraco nem cansado, com apenas três dias de cama. Mas é preciso sempre exagerar para bem sentir. Os meus são uns ingratos. Si caísse? Ninguém para me erguer. Vou me sentar numa poltrona. Com efeito: não me cansara. E me ponho a sorrir de mim mesmo, muito bondoso, carinhoso para mim.

A gente faz sempre das convalescenças um exagero sentimental. Brinca-se com a doença. A morte já está longe; muitas vezes nem se deu ao trabalho de pairar sobre o teto... Nós é que, num desperdício de sensibilidade, lhe imaginamos o cariz desabrido da frincha das portas abertas sem rumor. Afora essa integração de forças e faculdades, que faz a realidade do convalescer, esforçamo-nos, como que por um anseio artístico, a criar a parte divertida da convalescença. Estou quase a afirmar que esta é também em grande parte o que os estetas chamam um jogo. Carlos Lalo, no seu último livro, diz que, ao contrário da vida pública, da vida religiosa, a vida familiar não tem jogos e que por isso a arte se tornou o jogo de família. Ora encontro uma quantidade de jogos, divertimentos familiares, instituídos por essa mesma necessidade de exercer e treinar as forças pelas quais a família vive e se manifesta. Entre estes jogos alguns são perfeitamente claros: o noivado, os aniversários de toda casta, as visitas. A convalescença também em grande parte é um brinquedo. A gente se diverte a recriar o perigo, a reunir parentes, amigos, e a ativar por meio de exageros de moléstia ou atos de extravagância, cuidados, sustos e habilidades familiares. Além disso, o convalescente brinca consigo mesmo, já por essas manifestações, já porque negaceia a vida. O mal partiu. As energias voltam céleres. E o convalescente se faz de rogado. Cede à alegria da saúde. Mas cede aos poucos. Cede negando. Por quê? Por jogo. Esporte. Treino.

Outro efeito curioso das convalescenças é a ressurreição da bondade. Sem dúvida há convalescentes rabugentos, principalmente entre os velhos. Mas não será porque a convalescença desperta neles a ideia de vida grande por viver e porque sabem que para eles isso é uma ilusão? Então irritam-se. Têm pressa. Tornam-se impacientes. Rabugice. Mas geralmente só depois de 45 anos. Antes não. A gente sente-se muito bom, disposto a perdoar, a reconciliações. Em mim essa bondade se manifesta principalmente em relação ao passado. A doença é um eclipse da vida. Lacuna que soluciona a continuidade do ser. Recomeçar. Convalescer. Mas ninguém vive sem passado. É preciso ligar de novo o fio telefônico que a doença partiu e pelo qual as fontes tradicionais nos sussurram à alma o mistério das volições. Penetrei-me de passado, lendo, não os imensos, os gênios (que estes são sempre presente, e leitura

cotidiana) mas os de menor grandeza, borboletas dum só dia. Os gênios são muito pessoais; sua clássica universalidade é demasiado orgulhosa pela rudez e vulto das lições que apresenta. Não quadram os gênios com minhas convalescências. Os outros, pelo brilho menor e mais transitório que fagulham, possuem melhor campo onde a bondade se exercite.

Chegando a esta leitura de cisma, ponho-me a pensar que as convalescências não pertencem unicamente a doenças físicas. Há também as convalescências espirituais. O incidente futurista no Brasil... Esse período terrível que vem desde meados de 1920 até a Semana de Arte Moderna, fevereiro, ainda março de 1922, não foi senão uma doença grave, gravíssima, que alguns espíritos moços brasileiros sofreram. E que febres! delírios! Houve exageros? Houve. Depois veio a convalescença. Continuam os exageros? Continuam. Mas têm outro aspecto e, principalmente, outra essência. O abandono brusco de certos preconceitos, que durante muitos anos foram nossa fé, a luta interior entre eles e os novos preconceitos, o insulamento em meio à desestima geral criaram as febres dos primeiros exageros. Que eram estes? Delírios infecundos. Propositadas quebras da verdade tradicional, só para enraivecer adversários porvindouros; tristeza desesperada, iconoclasta; mania de perseguição em que víamos (vi) na língua indefesa, na pátria indiferente, inimigos que eram apenas moinhos de vento. D'aí esse ferir o idioma, desarticulando-lhe a donairoza proceridade; d'aí essas cargas contra os mestres do passado e raivas contra a terra – acolhedora e reconciliadora final de futuristas e passadistas. Tudo exageros infecundos. Delírios de febre. Agora é a convalescença. De novo a calma. De novo a bondade. Os novos exageros se justificam pela procura da expressão. Fecundidade. Recolhemos os pesados calhaus que atiramos aos ídolos do passado; e com eles fazemos os buris, os escopros, antes machados de pedra, com que desbastar no vasto paredão do tempo o novo ídolo por adorar. Assim: é o esboço dessa escultura que aparece aos vesgos como exagero. São tendências, esforços, soluções, algemas logo abandonadas, outras em evolução. Si em tudo isso muitos veem exageros, a culpa não é nossa, é do vesguear desses muitos. O seu ídolo deles [*sic*] é diferente do nosso. É. Mas nem por isso é deus único. E, em nossa convalescença, não cretinos, nem ignaros, apenas araras os que afirmam nos apliquemos a destruir a enfeitada Vênus vizinha. Agora é Dionisos, dórico e primitivo, que desenha no granito as formas ásperas e sem riqueza.

No vasto paredão do tempo os ídolos de arte, esculpidos pela ilusão humana, não se superpõem, sucedem-se. Não é preciso destruir o baixo relevo que representa o Buda

duma época, para sobre o esqueleto encarnar feições astecas de Tezcatlipoca. Seria isso *continuar parado* no mesmo lugar e mesmo tempo. Já o percebemos muito bem, e que no paredão havia mais espaço livre para construir, ao lado do parnasianismo e simbolismo, a jovem Ísis-Polimorfa na multidão de Kas diversos, criados pela inquietação contemporânea. E olhamos as estátuas divinas ficadas atrás, junto às quais nossa mirra não fumege ou nosso joelho se dobra, não mais para lhes atirar pedrouços improficuos, mas para, em nossa bondade convalescente, amar-lhes a lição de erros [sic] e conquistas.

Repor-nos-emos assim dentro do tradicionalismo, sem o qual ninguém vive. Tradicionalismo brasileiro? Também. Por que não? pela penetração panteísta da terra, pela compreensão histórica da raça e pelo servir-se duma língua evolutiva, sem dúvida, mas sem exageradas deformações. Nosso tradicionalismo, porém, será principalmente humano e universal. A guerra esgotou nos peitos *modernos* a fonte das rivalidades. E a juventude verdadeira, de todos os cantos do mundo, sem abandonar o conceito de pátria, quer transcender o limite as [sic] propriedades restritas, para amar o homem em sua humanidade. Bondosa convalescença! Por isso o elo que nos ligará ao passado é mais uma evolução que continua tendências universais, generalizadas ou generalizáveis, pelas quais, sem abandonar as características raciais, nos universalizaremos. Russos, espanhóis, chins, tupinambás.

No Marne, preparado para o combate, cantava o poeta alemão Guilherme Klemm –:

“Meu coração sente-se tão grande como Alemanha e França juntas!”

Será preciso ver em nosso tradicionalismo mais do que a evolução do passado artístico legado ao Brasil por Bilac, Francisca Júlia, Raimundo, Alberto de Oliveira, Vicente de Carvalho, o desejo de universalização de corações tão grandes como todas as pátrias juntas. Minha pobre modéstia!...

Há de fato em nosso *futurismo* quebra de evolução brasileira. É que, coisa mil vezes dita, durante quase século, com vários lustros de atraso, fomos uma sombra de França. Sombra doirada. Sempre sombra. Nós, os modernistas, quebramos a natural evolução. Saltamos os lustros de atraso. Apagamos a sombra. Mas somos hoje a voz brasileira do coro “1923”, em que entram todas as nações. Poderia documentá-lo. E por isso a solução de continuidade na tradição artística brasileira. Nem o grande Cruz e Sousa e um ou outro decadente simbolista, bastam para justificar nosso presente. Há, confesso, uma quebra pela qual, aos vesgos, somos chocantes e aparentemente

exagerados. Como do academismo e impressionismo anafados evolucionar para Anita Malfatti, num país onde não ecoaram as pesquisas de Seurat, van Gogh, Cézanne? Como de Bernardelli evolver para Brecheret, sem Metzner, Milles, Mestrovic? Hiato. E a grita aflita das araras. Será preciso noutros países buscar nossa evolução. Mas nem por isso deixamos de ser a voz brasileira no movimento que hoje se desenha universal. Movimentos assim avassaladores são raros. Renascença. Romantismo. E, em grande parte pela facilidade de comunicação e rapidez atuais, verdadeiramente universais, só o Futurismo, tão mal crismado quanto os outros.

... não é verdade que são lindos estes versos de Luís Aranha?

“A Terra é uma grande esponja que se embebe das tristezas do universo. Meu coração é uma esponja que absorve toda a tristeza da Terra.”

E as alegrias, os anseios também. Palavra!

MÁRIO DE ANDRADE

Andrade, Mário de. Crônica de arte. Convalescença. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 8, v. 24, n. 92, p. 336-339, ago. 1923

Arquivo 3 – Um concurso futurista



Um concurso futurista

Prêmio de uma assignatura semestral da "A Pilheria"

A época é dos quebra-cabeças, dos concursos interessantes, das "cinqüetes" originaes.

"A Pilheria" faltaria ao "mais sagrado dos deveres" se, por antagonismo á phrase-chapa-passadista, não se levasse a dar á seus leitores desses concursos ao getto do seculo.

O presente concurso é simples. Basta ao leitor dedicar um pouco de sua preciosa attenção aos versos dadaístas abaixo publicados, originaes de um conhecido poeta cujo nome deixamos á argúcia dos leitores.

Está ahí o que exigimos para concorrência ao prêmio.

O leitor arrosta a originalidade dos versos, lê-os attentamente, pensa o estylo, o rythmo e denuncia o autor.

Se acertar, está senhor do prêmio.

O coupon abaixo, orientará ao leitor sobre o meio de responder.

A poesia DADAISMO é da
lavra do poeta

Concorrente

N. B. — Não precisa folha corrida, nem attestado de vaccina.

DADAISMO

Recusae
Cavallinhos de pau.
Recusae!
A vida é como o mar.

Tres coisas,
Tres pontos de apoio:
Uma voz,
Quatro palavras,
Barquinhos de papel...

E nada mais...

E senão—não!

Recusae
O taboleiro da existencia.
O mundo é um theatro.
A alegria é fugaz...
Acceltaa somente
Tres coisas:
Um braço:
Uma voz,
O dedo indicador.

Uma — duas— tres!
Metta na cabeça
O dedo indicador...
Aqui no mais profundo.

Desejar é viver!
Mesmo? Não senhor!

Isto—ou vá a outra parte.
Egual? Nunca!

A natureza é cega.
A alestria é fugaz.
O homem é um joguete
E nada mais...

Recusae
Cavallinhos de pae.
Recusae!
A vida é como o mar.

Desejando v. exc. obter finos doces, bombons dos melhores, vinhos e conservas dos mais reputados fabricantes, procure a

CONFEITARIA BIJOU

Rua Barão da Victória.

Arquivo 4 – OS NOVOS DO PIAUÍ

Fulgurante plêiade de bravos da Ideia, de intemerados do Pensamento, a que nessa Terra de Luz que é o Piauí hodierno se agita numa irradiação vitoriosa de dinamismo. O Piauí que tem dado às letras pátrias tantos nomes gloriosos – Frei Ricardo da Cunha, o cronista elegante dos nossos fastos coloniais, tão lamentavelmente esquecido pelos nossos historiadores literários, mesmo pelo cintilante dr. Ronald de Carvalho e até pelo erudito dr. Solidônio Leite; Dias de Queiroz Freitas uma das cerebrações mais possantes entre os discípulos do inolvidável Tobias, ao lado de Graça Aranha (sedutora figura quase de piauiense); Da Costa e Silva, o Leopardi brasileiro, sabendo extrair das noites sem estrelas do Pensamento e da Emoção as mais profundas sugestões poéticas; João Silveira de Freitas Sobrinho, uma das novas mentalidades jurídicas mais pujantes do Norte e quiçá do Brasil hodierno, ao lado dessa nascente glória do Leão do norte que é o prof. dr. Celso Loureiro Filho e “last but not least”, Felix Pacheco, cujas realizações aurifulgentes na vida – primeiro no jornalismo e última e notadamente na diplomacia – constituem um padrão de glória para a geração nova da Pérola do Norte, Felix sendo talvez, sob a precoce prata da cabeleira que lhe dissimula o ouro brilhante da dos Sonhos e das Ideias, o mais jovem “chanceler” que ainda teve a República. E estamos a mencionar apenas os nomes mais irradiantes – os nomes por assim dizer nacionais e já vantajosamente feitos da mentalidade piauiense contemporânea. O que falta revelar é o movimento mais recente das letras do Piauí, onde também repercute a Ideia Nova que arregimenta os espíritos no Brasil para as pugnas do Objetivismo Dinâmico, que hão de marcar época gloriosa nos fastos literários da nacionalidade. Também no Piauí vibram entusiasmos rejuvenescedores, acendidos por esse Príncipe do Espírito que é Graça Aranha.

Em 1923, Eulálio Pontes da Serra, Vieira Pascoais, Esmeraldino Olímpio e eu lançamos aos ventos da publicidade *O Todo Universal*, revista de combate em prol da Ideia Nova. Esmeraldino Olímpio publicou aí sua admirável série de artigos “heresia vizinha nossa” denunciando em termos vigorosos o regionalismo de um grupo de cretinoides no Recife, onde foi nosso agente a alma entusiasta de J. Inojosa, paladino ali da Estética Moderna. Vieira Pascoais é um *conteur* de fina têmpera, com reminiscências de Proust e de Abel Hermant, que se revelou no *O Todo Universal*. Tem em preparo um livro que será provavelmente prefaciado por Félix Pacheco, um animador vibrante de vocações conterrâneas. Pontes da Serra é poeta dos mais finos da nova geração – de

uma estética equidistante das esquisitices do sr. Mário de Andrade, dos malabarismos sonoros do sr. Guilherme de Almeida e das pieguices do sr. Manuel Bandeira. É um cantor novo, dinâmico, objetivista, impregnado dos conselhos novos de Graça, o mestre sem igual. Seu livro *Secas e molhes* – cantando paisagens do sertão, queimado pelas Secas, e de portos e molhes banhados pela Água cariciosa dos rios do Setentrião será decerto uma grande afirmação entre os novos valores poéticos nacionais. Pretencioso seria falarmos de nós mesmo nesta resenha – limitando-nos portanto a mencionar nossa pequena contribuição nesse movimento, infelizmente tão ignorado do Piauí, o nosso livro de ensaios *Guias da renovação estética do Brasil* (Tobias – Nestor Vítor – Graça), a ser nestes dias exposto à venda nas principais livrarias desta capital.

J. J. Gomes Sampaio

(*Revista do Brasil*, Ano I, n. 2, 30 de setembro de
1926, Rio de Janeiro, p. 39-40)